

Encantos da Costa Vicentina



O Outono é o tempo ideal para surpreender as aves de arribação, na sua passagem por um dos lugares mais belos do Algarve, ali onde termina a terra e só fica, perante o olhar, a vastidão do Oceano, e que dá agora pelo nome de Parque Natural da Costa Vicentina e do Sudoeste Alentejano (PNSACV).



Se o pretexto para o passeio serão os voos de incrível beleza da águia pesqueira ou surpreender, entre os ramos dos pinheiros, o peneireiro, entre tantas outras espécies, que tornam qualquer passeio numa verdadeira lição de prazer, este será também num hino à conservação da natureza.

Afinal este é o único local do mundo onde a cegonha branca nidifica em arribas marítimas, habitat que divide com a águia pesqueira e outras espécies migratórias e residentes.

Criado em 1995, o Parque abrange a faixa litoral dos concelhos de Sines, Odemira, Aljezur e Vila do Bispo. São cerca de 74 786 hectares de paisagem diversificada, entre os quais se contam quase 30000 hectares de mar. Aqui a costa desenrola-se em arribas xistosas na costa ocidental e calcárias na costa sul, por vezes intercalada por praias de beleza paradisíaca.



Depois vêm os matos sobre areias consolidadas e linhas de água, além de lagoas temporárias. O território abrangido desenrola-se ao longo de uma faixa marítima de 2 km de largura paralela à Costa, entre S. Torpes (Sines), no topo norte, e Burgau (Vila do Bispo), no extremo sul.



São as imponentes falésias da costa atlântica a imagem mais impressionante do Parque, classificado como Reserva Biogenética do Conselho da Europa, como Zona de Protecção Especial para Aves, e como Sítio da Lista Nacional de Sítios integrados na Directiva Habitais. Em contraste, há barrancos fundos, um verdadeiro mar em terra, enquanto os cursos de água, ora temporários, ora permanentes, criam, nas suas áreas de estuário sapais, charnecas, e por vezes praias e pequenas ilhas.

As praias são das mais espetaculares do Algarve, por vezes amplos areais como o da Carrapateira, ou então minúsculas conchas de areia protegidas pela arriba. Ao longo da orla costeira, aprecie-se a diferença entre as praias ocidentais e as que estão viradas a sul, exemplo de um Algarve onde a paisagem está sempre em constante mutação.



Rochedos isolados transformam-se em pesqueiros abundantes, onde os locais capturam toda a espécie de peixe, assim como os perceves, verdadeiro ex-libris da gastronomia local.





O PNSACV é uma zona de encontro entre o mar e a terra, o que lhe imprime uma especificidade muito própria, de grande beleza, onde existe grande uma enorme variedade de habitats, e uma intensa riqueza, seja da fauna ou da flora.



Um importantíssimo património onde estão cerca de 200 espécies de aves referenciadas e 750 plantas, 48 das quais que apenas existem em Portugal e ainda importantes colónias de raposas, ginetos, gatos-bravos e lontras.



Até a intervenção do homem está aqui harmoniosamente integrada ao alternar os aspectos mais naturais, com campos de culturas de regadio, moinhos de vento, pelo que o património natural, tão rico, é complementado, pela tradição e monumentos.



Para os visitantes do Parque, além da importância natural e das paisagens há ainda outros pontos de interesse. E o mais especial de todos é o promontório de Sagres. O cronista Avieno, na *Ora Marítima*, escrita no século IV d.C., mas baseada num périplo comercial do século VI a.C. refere-se-lhe como o Cabo

Cinético: «Então, lá onde declina a luz sideral, emerge altaneiro o cabo Cinético, ponto extremo da rica Europa, e entra pelas águas salgadas do Oceano povoado de monstros». Avieno escreve ainda que o promontório era dedicado a Saturno e «que assusta pelos seus rochedos».

O geógrafo judeu Estrabão afirma por sua vez que *«neste local o Sol aumenta no Ocaso, pondo-se com ruído, como que a extinguir-se entre as águas do Oceano».*

A beleza destas descrições atravessa os séculos, e é evidente a identificação deste local com entidades sagradas de clara conotação marítima desde os tempos mais remotos.

No período de dominação islâmica, acolheu peregrinos cristãos e também muçulmanos, que lhe atribuíam o nome de Chakrach.





Em Sagres a Fortaleza, com origem no séc. XV, engloba a Igreja da Nossa Senhora da Graça (séc. XVI), a misteriosa construção da Rosa-dos-ventos, e a torre-cisterna.

Sagres está no concelho de Vila do

Bispo, terra onde é incontornável a visita à Igreja Matriz (séc. XVIII), o Museu de Arte Sacra, e o Centro Histórico.

Enquanto a Raposeira guarda ciosa as memórias do Infante D. Henrique, o Navegador, que aí tinha propriedade onde passava férias, nas praias da pitoresca aldeia da Salema, encontram-se pegadas de dinossauro com mais de 140 milhões de anos.



Diz a lenda que na Ermida da Nossa Senhora de Guadalupe, (que se vislumbra da EN 125, quando se vai de Vila do Bispo para Sagres) provavelmente edificada no séc. XIII, rezavam os marinheiros antes de partirem nas caravelas.

Próximo de Budens encontram-se vestígios romanos de uma "villa" e uma salga de peixe na Boca do Rio, uma curiosa praia na foz de um antigo rio que entretanto secou.

Não se pode ir à costa vicentina sem subir até à Torre D'Aspa, a mais alta falésia algarvia, com 157 metros, uma atalaia do

séc. XVII, parte do sistema de defesa costeira e vigiar do mar, de forma a precaver ataques de corsários na costa.



No Cabo de S. Vicente, o farol e a fortaleza inclinam-se sobre a deslumbrante paisagem oceânica.

Diz a lenda que aqui esteve o corpo de São Vicente, guardado por corvos, que o acompanharam depois para Lisboa, quando o Rei Afonso Henriques ordenou a sua trasladação para Lisboa.



Depois vem Aljezur, que no período muçulmano seria uma quase ilha – como o seu nome árabe indica – rodeada por uma lagoa marítima.

A várzea fértil junto aos rios e os sapais ricos em peixe e marisco atraíram tanto camponeses como pescadores, que ergueram um castelo para sua defesa no cume do cerro, que é um dos uns dos sete castelos a figurar no escudo da bandeira portuguesa.

Além do castelo, como património edificado de Aljezur, referência ainda para a Igreja Matriz de Aljezur e da Igreja da Misericórdia, ou a pequena igreja seiscentista da Bordeira, com um belo o portal manuelino e interior de talha dourada.

Na fortaleza junto à praia da Arrifana escavações recentes permitiram encontrar, não debaixo das ruínas da fortaleza do Século XVII ainda visíveis, mas sim na Ponta da Atalaia, o ribat al-Rihana (Arrifana), fundado por Abû-l-Qâsim Ahmad Ibn al-Husayn Ibn Qasî, no século X.



Como zona da Europa mais bem preservada, onde coexistem aves, mamíferos, répteis, anfíbios, crustáceos, peixes com a espécie humana, que por sua vez contribuiu e moldou a paisagem, construiu fortes, muralhas, vilas, aldeias e faróis, tudo se conjuga para um passeio inesquecível.



Ficha Técnica

Edição:

Globalgarve, Cooperação e Desenvolvimento, S.A.

R. Dr. José de Matos, nº 56, 8000-502 Faro

Tel: 289807768 / Faxe: 289807790

E-mail: globalgarve@mail.telepac.pt

Conteúdos:

CNA – Central de Notícias do Algarve

Av. 5 de Outubro, nº 55, 2º Esq.

8000-075 Faro

Tel: 289895480 / Fax.: 289895489

E-mail: cna_faro@sapo.pt

www.cnalgarve.com

© Todos os direitos reservados.